

No True Magic | a Jigsaw

Sinopse :

A revista francesa *Les Inrockuptibles* afirmava em 2012 que os **a Jigsaw** eram uma banda a seguir. Em 2014, a especializada revista que os coloca junto de nomes como *Tom Waits* e *Leonard Cohen*, volta a avisar para que não se perca de vista este duo conimbricense. E o caso não é para menos: volvidos três anos da edição do seu último trabalho de estúdio, os multi-instrumentistas *Jorri e João Rui* revelam finalmente neste Outono o seu novo álbum **“NO TRUE MAGIC”**. As raízes continuam a ser o Folk, o Blues, a literatura e um conceito: “a imortalidade”. Depois da “perda da inocência” e da “construção da identidade”, os **a Jigsaw** falam-nos agora da aceitação dos termos da nossa mortalidade. E há também um lado feminino neste álbum: a Norte Americana *Carla Torgerson* (The Walkabouts, Tindersticks) que entrega a sua voz no dueto **“Black Jewelled Moon”**.

NO TRUE MAGIC foi composto e gravado em Coimbra no Blue House Studio por **a Jigsaw** e foi misturado e masterizado por *João P. Miranda* no Attack-Release Studio em Portalegre. Para além da execução dos cerca de 20 instrumentos que povoam este álbum, *Jorri e João Rui* assumiram também a sua produção. Além da Carla Torgerson na voz, os **a Jigsaw** tiveram ainda a preciosa ajuda de Guilherme Pimenta na bateria e percussões, Miguel Gelpi, Pedro Serra e Gito Lima no contrabaixo, Susana Ribeiro no violino e glockenspiel, Maria Côrte na harpa, violino e viola de arco, Lauren Rossi na trompa e Hugo Fernandes no violoncelo.

O design de **NO TRUE MAGIC** esteve a cargo de Gito Lima e o trabalho de fotografia foi realizado por Miguel Duarte, Paula Lourenço e Sofia Silva.

O conceito:

NO TRUE MAGIC aborda a questão da suspensão da mortalidade. Talvez que até ao fim acreditaremos na promessa dos milagres – ou no milagre maior da imortalidade. Na magia, quando é por fim revelado o processo do truque, este deixa de ser magia para se tornar ilusionismo. Em 1817, o poeta e filósofo *Samuel Taylor Coleridge* cunhou o termo “*willing suspension of disbelief*”, que na abordagem da literatura permitiria ao leitor a suspensão do julgamento da implausibilidade de uma determinada narrativa. Neste álbum, é assim que se encara a mortalidade. É esta a premissa que justifica a manutenção das nossas crenças aliviadas do peso dessa inevitabilidade. **NO TRUE MAGIC** revela-nos a aceitação dos termos da nossa mortalidade.